



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

60
anos

Estudo

Texto de autora convidada. Recebido em: 11 maio 2022. Aprovado em: 15 set. 2022.

CORREIA, Telma de Barros. Movimento Regionalista: programa, feitos e legado ao Recife. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 39, n. 2, p. 79-116, jul./dez. 2022.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2022.255363>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
[Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Movimento Regionalista: programa, feitos e legado ao Recife¹

Regionalist Movement: program, achievements and legacy to Recife

Telma de Barros Correia

Universidade de São Paulo (USP)

Professora aposentada, Arquiteta, Doutora em Arquitetura e Urbanismo

E-mail: tcorreia@sc.usp.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8002-8748>

 <http://lattes.cnpq.br/9710818435783855>

Resumo

O artigo trata do Movimento Regionalista, que teve lugar no Recife na década de 1920, como segmento de um amplo movimento cultural – que se difundiu de forma simultânea em outros estados – de renovação da produção artística, literária e arquitetônica, ancorado na inovação de linguagem e em temas e motivos inspirados na cultura e na natureza do Brasil. Assim, o presente texto apresenta esse movimento através do Centro Regionalista do Nordeste, de ações governamentais e de iniciativas individuais de jornalistas, escritores, pesquisadores e colecionadores. Assinala, então, que o Movimento não se limitou às atividades do Centro Regionalista do Nordeste; que esse Centro significou muito mais que uma expressão da atividade intelectual de Gilberto Freyre; e que o Movimento deixou profundas marcas na paisagem do Recife, através prédios de arquitetura neocolonial e de jardins públicos com plantas tropicais.

Palavras-Chave: Regionalismo. Nordeste. Recife. Estilo neocolonial.

1. O artigo aborda temas tratados em livro da autora intitulado *Amaury de Medeiros e o Recife: arquitetura, cidade e higiene na década de 1920* (São Paulo: Intermeios, 2020).

Abstract

This article addresses the Regionalist Movement, which took place in Recife in the 1920s as a segment of a broad cultural movement – which spread simultaneously in other states – of renovation of artistic, literary and architectural production, anchored in the innovation of language and in themes and motifs inspired by Brazil’s culture and nature. Thus, the present paper introduces this movement through the Centro Regionalista do Nordeste (Northeast Regionalist Center), governmental actions and individual initiatives of journalists, writers, researchers and collectors. It points out, then, that the Movement was not limited to the activities of the Centro Regionalista do Nordeste; that this Center meant much more than an expression of the intellectual activity of Gilberto Freyre; and that the Movement left deep marks in the landscape of Recife, through buildings of neocolonial architecture and public gardens with tropical plants.

Keywords: Regionalism. Northeast. Recife. Neocolonial style.

Do Nativismo ao Regionalismo

Na década de 1920, de forma simultânea em alguns estados do Brasil, difundiu-se um amplo movimento cultural de renovação da produção artística, literária e arquitetônica, ancorado em inovação da linguagem e em busca de temas e motivos na cultura e na paisagem do país. Esse duplo compromisso permitiu que iniciativas vinculadas ao movimento pudessem ser apresentadas ou referidas com a ênfase colocada no seu viés de renovação (caso da Semana de Arte Moderna de 1922) ou no seu apreço pela cultura e pela paisagem local (caso do Centro Regionalista do Nordeste).

No campo da literatura, estavam entre os adeptos do movimento: Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, Joaquim Cardoso, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Na música, a maior expressão foi Heitor Villa-Lobos. Nas artes plásticas, o vigor do movimento

é atestado pela produção de Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Cícero Dias e Fedora do Rego Monteiro. O movimento elegeu a arquitetura nacional herdada do passado como referência para uma renovação, cuja expressão foi o estilo neocolonial, que atraiu profissionais como Lúcio Costa, Ricardo Severo e Victor Dubugras, e contou com a simpatia de intelectuais influentes como José Marianno Filho e Monteiro Lobato. Representou, ainda, a arquitetura na Semana de Arte Moderna de 1922 através de projetos dos arquitetos Antônio Moya e Georg Przyrembel e recebeu apoio de governantes como Washington Luís (prefeito e governador de São Paulo), Carlos Sampaio (prefeito do Rio de Janeiro) e Sérgio Loreto (governador de Pernambuco).

Este artigo se concentra no segmento desse movimento que teve sede no Recife e ficou conhecido como Movimento Regionalista. Um de seus propósitos é contribuir para superar a tendência de restringir esse movimento à atividade do Centro Regionalista do Nordeste. Assim, o artigo aborda o Movimento Regionalista em suas várias dimensões, tratando de iniciativas individuais de jornalistas, escritores, pesquisadores e colecionadores, além de ações coletivas e de atividades governamentais. O artigo busca, ainda, assinalar o impacto do Movimento Regionalista sobre a forma da cidade do Recife, pela difusão de jardins públicos com plantas tropicais, construção de prédios de arquitetura neocolonial e pelo compromisso do governo Sérgio Loreto com a cidade herdada do passado.

O sentimento cultural regionalista que varreu o Recife na década de 1920 nutriu-se do nativismo pernambucano, acossado por mudanças culturais e na forma da cidade, impulsionadas nas duas primeiras décadas do século XX. O nativismo pernambucano fortaleceu-se ao longo do século XIX, em meio à difusão de ideias liberais

e lutas por maior autonomia política. Um exemplo bem conhecido desse período, em Pernambuco, foi quando em banquetes às vésperas da Revolução de 1817, o trigo foi substituído pela farinha de mandioca e brindes com aguardente foram feitos à Independência (TOLLENARE, 1978, p. 137). No decorrer do século, expressões desse nativismo se multiplicaram, entre elas a poesia de José da Natividade Saldanha, os reparos aos trajes e modos parisienses do médico Aquino da Fonseca, as críticas às cenas e temática europeia da pintura de Eduardo Gadault e a censura à introdução de tapetes e vidraças nas casas pelo médico José Joaquim de Moraes Sarmiento. Associações científicas e literárias, como o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e a Sociedade Literária José de Alencar, celebravam as lutas pela Independência, a natureza tropical e as expressões artísticas e literárias locais e regionais.

Nas duas primeiras décadas do século XX, o Recife presenciou atitudes contraditórias frente ao seu passado. Em 1908, após longa atividade de pesquisa e catalogação, Francisco Augusto Pereira da Costa publicou o livro *Folclore Pernambucano: subsídios para a história da poesia popular de Pernambuco*, no qual compilou poesias, quadras, provérbios, superstições e canções populares e descreveu festas e brincadeiras infantis. Contudo, o apreço pelo cenário e pelas tradições locais foi confrontado por um afã de reforma urbana e arquetônica, impulsionado pela Igreja e pelo Estado, que resultou na destruição de lugares de grande relevância para o Recife. A Igreja, entre 1907 e 1909, desfigurou o que restava do antigo engenho Casa Forte, palco de batalhas com os holandeses em 1645. Entre 1909 e 1913, por iniciativa do governo estadual, procedeu-se uma profunda reforma do bairro do Recife, que envolveu a demolição da igreja do Corpo Santo, dos arcos de Santo Antônio e da Concei-

ção e de muitos sobrados, bem como a alteração do sistema viário, com substituição de pátios, becos e ruas por avenidas ladeadas por prédios de arquitetura eclética. As investidas contra a cidade do passado tiveram continuidade nos anos seguintes, inclusive com a reforma da Sé de Olinda e do Palácio do Governo.

Nesse contexto, aflorou no Recife um forte sentimento regionalista, que teve entre suas expressões severas críticas à aceleração das mudanças culturais e no cenário urbano e arquitetônico local. Gilberto Freyre, ao retornar ao Brasil em março de 1923, dedicou-se a percorrer o que restara dos bairros antigos do Recife e a criticar os rumos das alterações em curso. Em sua coluna no *Diário de Pernambuco*, defendeu valores da arquitetura do passado e da fisionomia tradicional da cidade; lamentou o descaso pela cidade antiga; criticou a destruição de lugares, a reforma de prédios e a perda das tradições culinárias; e postulou a necessidade de formar e difundir um sentimento de apreço pelo passado e por valores locais. O influente jornalista Annibal Fernandes criticou a destruição e as reformas de igrejas, lamentou o declínio da qualidade da construção religiosa que estaria reduzindo a “verdadeiros monstrenços” as igrejas erguidas no interior de Pernambuco desde a segunda metade do século XIX e censurou a proliferação de *chalets* e “casas de catálogo europeu”, que associava a uma decadência arquitetônica atribuída ao “mau gosto dos proprietários, ignorância dos mestres de obras e intervenção estética dos engenheiros” (FERNANDES, 1928, p. 3).

Enquanto isso, intelectuais e jornalistas, como Manuel Caetano e Carlos Lyra Filho, entregavam-se ao estudo e à coleção de coisas do passado e da tradição local. Ascenso Ferreira construía um amplo repertório de lendas, toadas, poemas e anedotas, vinculado a temas regionais e populares. O médico Valdemar de Oliveira e o

jornalista e poeta Samuel Campello dedicavam-se a obras literárias e teatrais de viés regionalista. O professor Odilon Nestor rememorava o Recife de sua infância em poesias. Mário Sette e Humberto Carneiro escreviam romances e contos de cunho regional. Nelson Ferreira executava obras musicais de compositores locais e do folclore pernambucano. Manoel Bandeira (o desenhista) e Fedora Monteiro retratavam aspectos da paisagem local. A *Revista do Norte*, publicada por José Maria de Albuquerque e Mello, declarava interesse pelo cenário regional nas suas cores, tradições, paisagens, vida, usos, costumes e história, que conciliava com prosa solta, verso livre e poesia visual (BARROS, 1985). Fotos de um almoço oferecido na residência do poeta e jornalista Góes Filho, em maio de 1926, denunciavam esse clima regionalista, através de homens tocando viola, toalhas bordadas, plantas tropicais e convidados, entre os quais estavam o folclorista Luiz da Câmara Cascudo e o poeta Ascenso Ferreira (REVISTA..., 1926b).

Outra dimensão do regionalismo foi a difusão do estilo neocolonial em residências, como as erguidas pelo diretor do *Diário de Pernambuco* Carlos Lyra Filho e pelo industrial Othon Bezerra de Mello. A casa do industrial tem volume compacto, coberto por telhado em quatro águas prolongado por beirais ornados com “asas de andorinhas” e adornos concentrados em uma galeria frontal, dotada de colunas, arcos e voluta. A simetria dessa casa contrasta com a do jornalista, dotada de composição complexa de volumes (térreos, sobrados, torre, capela e pórticos) e longos panos de paredes furados por vãos de formas variadas (seteiras, óculos e janelas em verga reta ou arco abatido). Nela, a expressividade é buscada, também, na imponente escada externa e no balcão dotado de apliques de azulejo e pinhas de louça.



Figura 1. Casa de Carlos Lyra Filho na Rua Dom Bosco.
Fonte: Fotografia de Telma de Barros Correia (2018).

O Centro Regionalista do Nordeste: fundadores, sócios, programa e iniciativas

O Centro Regionalista do Nordeste foi fundado em abril de 1924, durante um encontro ocorrido na casa de número 382 da Rua do Paissandu, entre seis homens: Odilon Nestor de Barros Ribeiro (1875-1969), dono da casa, professor de Direito Internacional, redator do *Jornal do Commercio* e autor do livro de poesias *Juvenilia* e da obra *Direito Internacional Privado*; Amaury de Medeiros (1893-1928),

médico, diretor do serviço estadual de saúde do Departamento de Saúde e Assistência (DSA), e chefe do serviço federal de higiene em Pernambuco – Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural; Antônio Ignacio de Barros Ribeiro (1888-1938), professor da Escola de Farmácia e secretário do DSA; Alfredo Alves da Silva Freyre Júnior (1875-1961), juiz de direito e professor de português; Gilberto Freyre (1900-1987), mestre em Artes pela Universidade de Colúmbia e redator de coluna no *Diário de Pernambuco*; e Alfredo de Moraes Coutinho Filho, médico, chefe da Inspetoria de Estatística, Propaganda e Educação Sanitária do DSA e autor do romance *Os novos bárbaros*. Além de fundadores, esses homens tiveram papel central no Centro: Gilberto Freyre foi seu secretário geral; Moraes Coutinho redigiu seu programa de ação; Amaury de Medeiros ofereceu o apoio logístico do governo do estado às realizações da entidade e foi responsável por colocar a agenda regionalista em prática em ações governamentais; e Odilon Nestor, presidente do Centro, teve a iniciativa de convocar o primeiro encontro do grupo, escolher os convidados e oferecer sua casa para as reuniões da entidade, nas quais eram planejadas a organização e a ação do grupo e eram apresentadas produções – artigos, poemas e livros – de sócios, em volta de uma mesa servida com chá, sequilhos, doces e sorvetes da região (RIALTO, 1928, p. 3; CORREIA, 2020a, p. 411-414).

Entre os outros sócios que foram se juntando ao Centro estavam professores, médicos, escritores, jornalistas e políticos. Um deles era Annibal Fernandes (jornalista, professor do Ginásio Pernambucano e Secretário de Justiça e Instrução do governador Sérgio Loreto), que como deputado estadual, no final da década de 1910, apresentou um projeto de lei de criação de uma Inspetoria

dos Monumentos Históricos. Outro sócio, o jornalista Luiz Cedro Carneiro Leão, como deputado federal em 1923, apresentou um projeto de lei que criava uma inspetoria para a defesa do patrimônio histórico, artístico e paisagístico nacional. Também integraram o Centro Carlos Lyra Filho (diretor e filho do proprietário do *Diário de Pernambuco*), França Pereira (presidente da Academia Pernambucana de Letras), Faria Neves Sobrinho (escritor, professor do Ginásio Pernambucano, ex-deputado federal e ex-senador), Samuel Hardman (secretário de agricultura de Sérgio Loreto e ex-deputado estadual), Júlio Celso de Albuquerque Bello (jornalista e memorialista, tio e cunhado de Estácio Coimbra), Pedro Allain (conselheiro municipal), Nestor Diógenes (juiz de direito), Coaracy de Medeiros (oficial de gabinete do governador Sérgio Loreto), e também nomes como Fernando Simões, José Bezerra Filho, Pedro Paranhos Ferreira, Nogueira Paranaguá, Edgar Teixeira Leite, Francisco de Arruda e Ulysses Freyre. Entre os sócios do Centro havia um grupo expressivo de médicos, do qual faziam parte professores da Faculdade de Medicina do Recife e chefes de serviços de saúde do DSA: Arsênio Tavares, Gouveia de Barros, Adalberto Lyra Cavalcanti, Aggeu Magalhães, Edgar Altino (diretor de Hospital Oswaldo Cruz), Olívio Bethlem Alvares e Octavio de Freitas (chefe do Serviço Contra a Tuberculose do DSA, fundador e presidente da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose, professor e diretor da Faculdade de Medicina). As desconcertantes contradições entre a agenda preservacionista do Centro e o compromisso de vários desses médicos sanitaristas com a reforma da cidade antiga foram tratadas em outros trabalhos da autora (cf.: CORREIA, 2020a; CORREIA, 2020b).

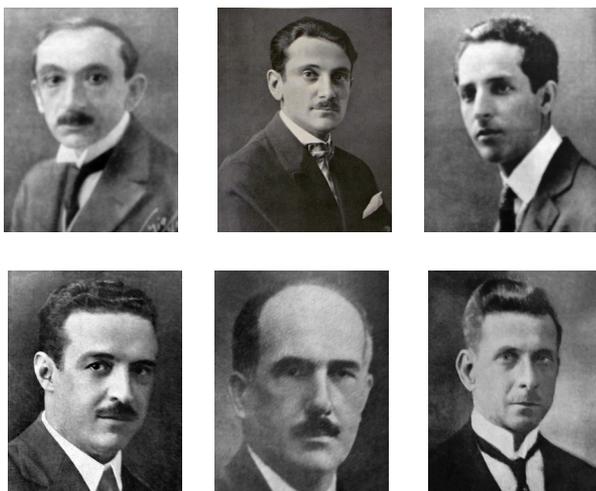


Figura 2. Odilon Nestor, Amaury de Medeiros, Alfredo de Moraes Coutinho, Luiz Cedro Carneiro Leão, Carlos Lyra Filho e Pedro Allain.

Fonte: *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 46, jun. 1924.

Dois dias após a primeira reunião, foram anunciados, no *Diário de Pernambuco*, os propósitos do Centro: “defesa das nossas cousas e das nossas tradições, no aproveitamento delas como motivos de arte, no desenvolvimento dos interesses do Nordeste” (CENTRO..., 1924a, p. 1). Uma semana após o primeiro, foi realizado o segundo encontro do grupo, no qual Moraes Coutinho leu o programa de ação do Centro – que lhe havia sido encomendado – composto de cinco itens. O primeiro definia os objetivos da associação: “desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste, já tão claramente caracterizada na sua condição geográfica e evolução histórica, e ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais”. Os três itens seguintes delimitavam os membros – “bons elementos da inteligência nordestina” –, definiam a associação como “livre das injunções das correntes partidárias” e sublinhavam seu propó-

sito de defender os interesses do Nordeste perante o governo da União. O quinto item estabelecia os métodos de ação: organizar conferências, exposições de arte, visitas e excursões; manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, reunindo produções intelectuais do passado e do presente do Nordeste; promover congressos regionalistas; e editar a revista de cultura *O Nordeste*, dedicada ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional (CENTRO..., 1924b, p. 1).

Os regionalistas entendiam o Nordeste como uma unidade econômica, política, geográfica e cultural, que, sem modéstia, reconheciam como o berço da nação e dotada de uma vigorosa cultura, que julgavam capaz de resistir às investidas homogeneizadoras do capitalismo. Formularam para a região um projeto de âmbito social, econômico e cultural, com pretensão de mudanças, renovação e preservação de identidade. Tais propósitos foram reafirmados por seus fundadores. No artigo intitulado *Pernambuco e o problema sanitário do Nordeste*, publicado pela revista carioca *Ilustração Brasileira*, além de traduzir para o âmbito da saúde a abordagem regional, Amaury de Medeiros apontou os limites geográficos da região – compreendidos entre Alagoas e o Ceará, sem lembrar que coincidiam com a abrangência territorial da Confederação do Equador – e assinalou as afinidades entre os cinco estados:

O homem do nordeste, aqui ou ali, física e moralmente é sempre o mesmo, iguais são os seus costumes e mesmas as suas aspirações; as ligeiras diferenças, que se notam no povo do litoral, quase não conseguem chegar ao interior e o matuto e os sertanejos são inteiramente iguais em toda a região.

A terra também não difere, são iguais os coqueiros que bordam o oceano, são iguais os rios espraçados do litoral, iguais as árvores das florestas e o mato quase rasteiro do agreste, iguais os espinhos que cobrem as terras do sertão. O mesmo sol no verão e a mesma chuva no inverno, um a queimar por toda a parte a vegetação que o outro depois ressuscita. (MEDEIROS, 1924, p. 8).

Antônio Ignacio defendeu a abordagem regional como um meio de contornar tendências, que identificava no país, às generalizações e à desatenção aos “assuntos peculiares à nossa terra”. Postulou que o Centro era um produto do nacionalismo reforçado pela Primeira Guerra Mundial e, denunciando o eugenismo em alta, entendeu que ao “trabalhar pela nossa civilização” estaria cooperando com a “raça” (IGNACIO, 1924, p. 3). Gilberto Freyre indicou os aspectos da cultura do Nordeste que interessavam ao Centro conservar e usar como motivos para uma inovação das artes e da arquitetura: danças como cocos e maracatus e “histórias meio-lendas” que poderiam oferecer “motivos para estilização em bailados, em músicas, em pinturas murais”, além do “tipo de casa grande de engenho” que, “através da emoção e da técnica de arquitetos”, via como “nossa grande contribuição à arte e à vida do Brasil” (FREYRE, 1925, p. 3). Assinalou que o movimento não tinha um viés passadista: “Não tem a superstição do passado. Ama, porém, nas velhas coisas, a sugestão de brasilidade, o traço, a linha de beleza a ser continuada pelo Brasil” (FREYRE, 1926a, p. 3).

Entre os dias seis e doze de outubro de 1924, o Centro promoveu seu primeiro evento: *A semana das árvores*. Nele, o amor às árvores e o compromisso de protegê-las de destruição e mutilação foram expressos em palestras, apresentações musicais, poesias e em um concurso, que premiou a fotografia *A Jaqueira*,

de Horácio Alves. Cinco sessões da Semana foram realizadas em escolas (Escola Normal do Estado, Grupo Escolar Amaury de Medeiros e nos colégios Salesiano, Americano Batista e Santa Margarida), e duas integraram-se à programação da Exposição Geral de Pernambuco, que estava acontecendo no prédio recém-inaugurado do Quartel do Derby. A audiência era formada, sobretudo, por estudantes, professores, políticos (inclusive o vice-presidente da República Estácio Coimbra), membros da administração estadual, médicos e jornalistas.

Em todas as sessões houve apresentação musical e/ou literária. Apresentaram-se a banda da Força Pública, corais de estudantes e Mario Mello, Xicute Lacerda e Graziela Mello cantando modinhas. Entre as poesias apresentadas estavam *A árvore seca*, de Alberto Oliveira, *A vingança do cedro*, de Samuel Campello, *Árvore velha*, de Olegário Marianno, e *O poema verde de minhas árvores*, de Austro Costa. Os conferencistas trataram a árvore pelo viés artístico, literário, científico e urbanístico. A diversidade da flora nordestina foi tratada por Samuel Hardman na palestra intitulada *Nossas árvores*. Annibal Fernandes falou no Salão de Pintura da Exposição Geral de Pernambuco sobre *As árvores na pintura*, com ênfase no trabalho do paisagista Telles Júnior, que tinha telas expostas no recinto. *Nossas mestras, as árvores* foi o título da fala de Moraes Coutinho, que explorou a ação das árvores no pensamento religioso, na vida moral e no sentido do belo. *O Recife e as árvores* foi o tema abordado por Gilberto Freyre, que lastimou a derrubada das gameleiras, que atribuiu à “mania do reformismo para modernizar”, aos “caprichos de simetria dos senhores prefeitos” e à “estética dos engenheiros” (FREYRE, 1924, p. 4-5). *O encanto das árvores* foi o título da fala do estudante Djalma Tavares. Um tema recorrente foi

a árvore na literatura, abordado pelo redator do *Jornal do Commercio* Anísio Galvão em *As almas das árvores*; por Odilon Nestor, em *As árvores na poesia*; e por Amaury de Medeiros, em *A fisionomia das árvores*. O último também opinou sobre o tratamento que o poder público deveria dispensar às árvores que crescem em ruas e parques. No encerramento do evento, um pau d'arco foi plantado nos jardins da Escola Normal pela esposa do governador, Virgínia Loreto (CORREIA, 2020a, p. 422-428).

Outra iniciativa associada ao Centro Regionalista foi a publicação do *Livro do Nordeste*, em 1925, em comemoração ao centenário do *Diário de Pernambuco*. Seu organizador, Gilberto Freyre, o definiu como um “pequeno inquérito às tendências da vida nordestina [...] durante os últimos cem anos; espécie de balanço das nossas perdas e ganhos nesse período” (FREYRE, 1979, p. 3). A obra retrata a multiplicidade dos temas que interessavam aos regionalistas e a variedade de abordagens por eles adotadas, cuja convergência era o interesse pela história e pela cultura da região. Entre seus cerca de trinta colaboradores, Carlos Lyra Filho tratou da história do Diário, Júlio Bello escreveu sobre as festas de engenhos, Luiz Cedro abordou a vida de Dom Vital, Annibal Fernandes escreveu sobre o Recife, Samuel Hardman abordou agricultura e pecuária e Joaquim Cardozo escreveu sobre a poesia de Manuel Bandeira. Gilberto Freyre colaborou com três ensaios, que abordaram a vida social, a pintura e a cultura da cana. A história da medicina, música, literatura, economia, vida estudantil, jornalismo e teatro de Pernambuco foi tratada respectivamente por Octavio de Freitas, Euclides Fonseca, França Pereira, Gaspar Peres, Odilon Nestor, Manoel Caetano e Samuel Campello. O livro publicou o poema *Evocação ao Recife*, de Manuel Bandeira,

e foi ilustrado pelo outro Manoel Bandeira, com desenhos a bico de pena de aspectos do Recife antigo, com ênfase em lugares e prédios destruídos ou modificados.

O Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, ocorrido entre sete e onze de fevereiro de 1926, foi a iniciativa mais arrojada do Centro. Teve cinco sessões – a inaugural na Faculdade de Direito e as demais na sala de conferências do DSA – e envolveu discussões de teses, conferências, música, poesia, exposição, jantar regional e visitas a lugares antigos (engenho Megahype, sítio dos Guararapes, Olinda e Igarassu), a prédios de estilo neocolonial (Grupo Escolar Amaury de Medeiros e pavilhões dos hospitais Oswaldo Cruz e de Doenças Nervosas e Mentais) e à Vila Operária Paz e Trabalho. Os participantes eram, sobretudo, políticos, jornalistas, médicos, professores, poetas, cronistas e historiadores. Foi possível localizar na audiência Antônio Ignacio de Barros Ribeiro, Alfredo Freyre, Annibal Fernandes, Pedro Paranhos Ferreira, Octavio de Freitas, Francisco de Arruda, Samuel Hardman, Gennaro Guimarães (deputado), Coriolano de Medeiros, Avelino Cardoso, Lafayette Pereira, José Tavares de Albuquerque, Gastão Marinho, Francisco Boulitreau, Joaquim Inojosa (representante do governador da Paraíba), Salomão Filgueira (representante do governador do Rio Grande do Norte), Eladio Ramos (representante do governador de Pernambuco) e Manoel Cavalcanti de Carvalho (representante de *A Província*). Um relato de Gilberto Freyre inclui outros ouvintes, como Ulysses Pernambucano, Carlos Lyra Filho, Joaquim Cardoso, Mário Melo, Mário Sette, Júlio Bello, Manuel Caetano de Albuquerque e seu filho José Maria (FREYRE, 1996, p. 47-48). O programa temático do evento era abrangente:

I – Problemas econômicos e sociais

1. Unificação econômica do Nordeste. Ação dos poderes públicos e dos particulares.
2. Defesa da população rural. Habitação, instrução, economia doméstica.
3. O problema rodoviário do Nordeste. Aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região.
4. O problema florestal. Legislação e meios educativos.
5. Tradições da cozinha nordestina. Aspecto econômico, higiênico e estético.

II – Vida artística e intelectual

1. Unificação da vida cultural nordestina. Organização universitária. Ensino artístico. Meios de colaboração intelectual e artística. Escola primária e secundária.
2. Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste. Urbanização das capitais. Planos para as pequenas cidades do interior. Vilas proletárias. Parques e jardins nordestinos.
3. Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos.
4. Reconstituição de festas e jogos tradicionais. (CENTRO..., 1925, p. 3).

Esse programa indica a intenção de conservar (paisagem, arquitetura do passado, cultura e identidade regional) e renovar (economia, estradas, habitação, cidade, artes e educação), além de promover intercâmbio intelectual e artístico. Entre os temas das teses encaminhadas, estão: a questão florestal, a questão rodoviária, a integração econômica, as festas tradicionais, os jogos infantis e a defesa do patrimônio histórico e da arquitetura religiosa (PRIMEIRO..., 1926c, p. 4). Na sessão inaugural, Alfredo de Moraes Coutinho apresentou uma conferência sobre os objetivos do Centro, versos foram recitados pelo poeta e jornalista Samuel Campello e por Ascenso Ferreira, e o músico alagoano Manoel de Lima, “O Ceguiño”, tocou viola e realejo (PRIMEIRO..., 1926a, p. 3; PRIMEIRO...,

1926d, p. 1). Em outras sessões, Gilberto Freyre falou sobre *Estética e tradições da cozinha nordestina*, Luiz Cedro Carneiro Leão tratou do projeto de lei de defesa do patrimônio artístico nacional que havia apresentado à Câmara Federal, Odilon Nestor defendeu a criação de uma cadeira de estudos nordestinos em universidade a ser criada na Região, o médico sanitarista Gouveia de Barros intituiu sua fala de *A loucura das secas*, Amaury de Medeiros tratou do *Estilo colonial de arquitetura do ponto de vista da higiene moderna* e o urbanista Nestor de Figueiredo (presidente do Instituto Nacional dos Arquitetos) apresentou o trabalho *O urbanismo e a arquitetura das cidades* e leu três trabalhos enviados por colegas cariocas (de Nereu Pamplona, sobre a defesa do patrimônio artístico; de Moura Brasil do Amaral, sobre a regulamentação da profissão de arquiteto; e de Antônio Januzzi, acerca do “Problema das Casas Operárias”).

Entre as propostas aprovadas no evento estão: defender a adoção de uniformes de brim branco como traje de rigor no Nordeste; postular a arborização de ruas e jardins com vegetação da região; postular o uso de “estilo colonial” em edifícios públicos; solicitar aos governadores a constituição de comissões encarregadas de zelar pela conservação de construções de interesse histórico e artístico; encaminhar aos deputados federais um pedido de apoio para a aprovação do projeto de lei apresentado por Luiz Cedro visando à proteção do patrimônio histórico; sugerir às escolas realizarem visitas de seus alunos a prédios antigos; solicitar às autoridades eclesiásticas do Nordeste adotarem nos novos templos “o caráter tradicionalista” e evitarem a destruição e remodelação das igrejas, realizando nelas apenas obras de conservação ou adequações indispensáveis à higiene (CORREIA, 2020a, p. 433-434).



Figura 3. Netto Campello (Diretor da Faculdade de Direito), Odilon Nestor e Gilberto Freyre na sessão de abertura do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

Fonte: Revista de Pernambuco, Recife, ano 2, n. 21, p. 63, abr. de 1926.

O encerramento do congresso incluiu um jantar ao ar livre, no terraço do DSA, no qual foram servidas comidas regionais: peixe ao molho de coco, fritada de camarão, capão gordo, abacaxi, doce de caju em calda, queijo de coalho, água de coco, café de Bonito e licor de laranja. Em discurso, na ocasião, Amaury de Medeiros celebrou os que trabalham por “um país com personalidade, com caráter, com alguma cousa de nitidamente nacional” e “que vivem, silenciosamente, modestamente, colhendo documentos históricos e conservando obras de arte, colecionando receitas de bolos, aproveitando velhos azulejos, defendendo velhos portões e velhas árvores, reunindo, enriquecendo o folclore” (CONGRESSO..., 1926, p. 26). Gilberto Freyre sugeriu a realização de um segundo congresso em 1927, na Paraíba, e Ascenso Ferreira fechou o evento com versos de sua autoria, dentre eles *Lampião* (PRIMEIRO..., 1926b, p. 3; PRIMEIRO..., 1926e, p. 2).

O discurso regionalista reivindicava o Nordeste como um Brasil mais autêntico, deixava claro o desconforto com a influência cultural do Rio de Janeiro e a disposição de resistir a ela. Logo, suas ativi-

dades e propósitos foram interpretados na capital do país – onde deviam persistir traumas provocados pelo federalismo pernambucano do século XIX – como uma conspiração em defesa de interesses do Nordeste, de viés separatista. Coube aos fundadores do Centro desfazer tais apreensões. Antônio Ignacio assegurou que o regionalismo é “base ética e estética do nacionalismo integral” (IGNACIO, 1924. p. 3). Gilberto Freyre sustentou que o regionalismo visava “colaborar na obra de integração brasileira, em vez de simplesmente repetir o que do Rio vem, nestes últimos anos, repetindo dos piores modelos estrangeiros” (FREYRE, 1925, p. 3). Amaury de Medeiros produziu uma “declaração”, na qual alegou que o Centro era “apenas um agrupamento de intelectuais sob a presidência de um poeta que vive inteiramente alheado de interesses comuns e de política”, descreveu o congresso como “uma semana de poesia e de cordialidade a serviço da unidade nacional”, sublinhou o papel da memória na construção dessa unidade e enumerou o que interessava ao Centro conservar, guardar e reter:

[...] a conservação dos nossos monumentos históricos; nossos costumes; de nossa arte colonial, incentivada e polida, nosso folclore, nós aspiramos dar ao Brasil o caráter que será, talvez, o maior passo para a unidade nacional. Mostrando os encantos ingênuos do estilo colonial, nossa arquitetura urbana e rural, exaltando as receitas culinárias [...], revivendo os brinquedos infantis, realçando a poesia das lendas sertanejas. (MEDEIROS, 1926, p. 2).

O Congresso foi seguido por iniciativas por ele suscitadas. Uma delas foi a conferência de título *A arquitetura tradicional de Ouro Preto*, patrocinada pelo Centro Regionalista e realizada no DSA por Nestor de Figueiredo. A título de despedida do urbanista do Recife,

Odilon Nestor ofereceu uma ceia, onde foram servidos filhoses, bolo de bacía, tapioca, canjica e boas-noites, ao som de modinhas regionais (CEIA..., 1926, p. 2). Samuel Campello, redator de *A Província*, realizou uma pesquisa sobre toadas, que gerou o artigo *Mara-catus*, publicado pelo *Diário de Pernambuco*, e a opereta regional *Aves de Arribação*, encenada no Teatro do Parque pela Companhia de Vicente Celestino, com música do médico Valdemar de Oliveira, letra de Samuel Campello, cenários de Álvaro Amorim e patrocínio de Annibal Fernandes, Coaracy de Medeiros e Sérgio Loreto Filho (CORREIA, 2020a, p. 439-441).

No final de outubro de 1926, Gilberto Freyre anunciou que o Centro promoveria *O mês da cidade*, no interesse “de planejar a expansão e de defender de ultrages a fisionomia, a plástica e a alma das nossas cidades (as grandes como as pequenas) do Nordeste” (FREYRE, 1926b, p. 1). Contudo, não há indícios de que o evento tenha ocorrido.

O Regionalismo, a administração pública e o Recife

Amparado em influência junto ao sogro Sérgio Loreto, governador entre 1922 e 1926, e ao tio Antônio de Góes, prefeito do Recife entre 1922 e 1925, Amaury de Medeiros se empenhou em ações públicas de difusão da flora regional e do estilo neocolonial.

Amaury de Medeiros impulsionou a ação da prefeitura de arborização das ruas, promoveu a criação de parques e de jardins em volta de prédios públicos (escolas, hospitais etc.) e influenciou a feição que assumiram, chegando a se envolver na concepção de

alguns deles. É de sua autoria os projetos do Parque Oswaldo Cruz e do jardim da Escola Normal do Estado (depois incorporado ao Parque Treze de Maio), e é provável que tenha concebido o Parque do Derby e os jardins do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais e do Hospital Oswaldo Cruz. As premissas projetuais de Amaury de Medeiros como paisagista podem ser localizadas em sua palestra na *Semana das árvores*. Nela, censurou o tratamento da vegetação pelo poder público, admitindo a necessidade de “orientar os ramos e conter os excessos” das árvores plantadas em ruas, mas criticando a poda que reduzia suas copas a formas rígidas. Em relação aos jardins públicos, defendeu que:

O melhor será deixar que as árvores vivam inteiramente a sua vida bravia para que os parques adquiram este aspecto sincero de pedaço de floresta, que por esquecimento ficou conservada no centro da casaria, dura e seca, e que seja o melhor possível e o mais vivamente possível um contraste com a cidade. Os parques devem dar a impressão de que os motivos decorativos ali reunidos são motivos reais que o acaso juntou e que por ali ficaram com a sua fisionomia natural. (ECHOS..., 1924, p. 4).

Assim, os jardins que concebeu traziam algo da mata nativa e dos quintais recifenses, na disposição e na presença de espécimes da flora local, além de conciliar preocupações sanitárias e propósitos estéticos. De um lado, visavam sanear terrenos baldios e usar a natureza domesticada como respiro entre as construções e como espaço para práticas julgadas saudáveis. De outro, buscavam embelezar a cidade, incorporando à sua paisagem retalhos de uma natureza tropical moldada pelas ferramentas projetuais do pitoresco e mobilizada como moldura para prédios públicos. O

Parque Oswaldo Cruz, inaugurado em outubro de 1923, em frente ao prédio do DSA, é um jardim tropical de viés pitoresco. Em sintonia com o espírito regionalista, presta tributo à flora local, com seus coqueiros, palmeiras, bromélias e árvores frutíferas. Sem prescindir, entretanto, de dois salgueiros. Seu viés pitoresco se expressa nas referências às preexistências do lugar, através de uma sondagem da paisagem original, que seleciona o que preservar e colhe motivos para sua recriação. Assim, as águas existentes foram esgotadas – uma imposição sanitária – e no lugar do alagado surgiu – após aterrar – um terreno com suaves ondulações e um amplo tanque de forma sinuosa, simulando um lago natural. Da vegetação anterior, os coqueiros foram mantidos, inseridos em uma nova massa vegetal, escolhida para criar diversidade entre vegetação frutífera ou ornamentais, rasteira, esbelta ou frondosa e disposta de modo a produzir contrastes de luz, formas e cores e entre cheios e vazios.

É provável que Amaury de Medeiros também tenha projetado o Parque do Derby, onde sua ação é denunciada pelos contornos pitorescos dos jardins e pelo depoimento de Annibal Fernandes. Esse parque concilia elementos barrocos (como a alameda de palmeiras), com características pitorescas predominantes, manifestas no desenho dos caminhos, na distribuição da vegetação e no lago de contornos sinuosos, dotado de uma ilha com “ruína” formada por blocos de pedras e acessada por uma ponte “rústica” feita de cimento e ferro, imitando gravetos retorcidos.



Figura 4. Praça Oswaldo Cruz em 2017.

Fonte: Fotografia de Telma de Barros Correia (2017).

É provável que a influência de Amaury de Medeiros junto à Prefeitura do Recife tenha contribuído para a reforma e a criação de jardins públicos. Na gestão de Antônio de Góes, a prefeitura reformou as praças da República, Maciel Pinheiro, Joaquim Nabuco, Dezesete, das Cinco Pontas e de Casa Forte, ampliando a vegetação e introduzindo – em excesso – bancos e jarrões de concreto armado, que simulavam serem talhados em pedra branca. Nos novos parques criados – Parque Amorim, do Chora Menino, Sérgio Loreto e do Entroncamento – a prefeitura aplicou arranjos de viés pitoresco, com caminhos de desenhos sinuosos, eventuais lagos e vegetação profusa e variada, que incluía espécimes tropicais, como mangueiras e palmeiras.

Também em sintonia com o clima regionalista, Amaury de Medeiros contribuiu para a difusão do estilo neocolonial. O prefeito Antônio de Góes tinha clara preferência pela arquitetura eclética, adotada, em prédios como o Grupo Escolar Sérgio Loreto e o Mercado da Encruzilhada, mas um caráter neocolonial muito despojado foi adotado no Mercado da Madalena, inaugurado em outubro de 1925. O neocolonial não se firmou como estilo “oficial” do governo de Sérgio Loreto, devido às muitas e vistosas construções ecléticas erguidas (sede do DSA, Palácio da Justiça, Quartel do Derby, grupos escolares etc.). Contudo, o governo estadual foi responsável por um grupo de prédios neocoloniais, que estão entre as construções públicas mais expressivas da época no Recife. Tais prédios seguiram projetos e orientações de Amaury de Medeiros, que projetou o Grupo Escolar Amaury de Medeiros, inaugurado em outubro de 1924, e provavelmente também é autor dos projetos de vários pavilhões dos hospitais de Doenças Nervosas e Mentais e Oswaldo Cruz, inaugurados em outubro de 1925 e em agosto de 1926, respectivamente. Os indícios de que esse conjunto de prédios tenha tido um mesmo projetista são suas afinidades projetuais. A suposição de que o projetista é Amaury de Medeiros é a certeza de ser ele o autor do projeto do Grupo Escolar. Esses prédios retomam motivos e formas do passado em construções modernizadas por novos materiais, demandas de higiene, programas e arranjos coerentes com as diretrizes terapêuticas e/ou pedagógicas adotadas pelas instituições que os abrigavam. As referências à arquitetura do passado se revelam na volumetria simples, na disposição do telhado (quatro águas, beirais e telhas de barro de capa e canal) e nos motivos ornamentais concentrados em torno do acesso principal. Revelam, ainda, compromissos

com a simplicidade e discrição de uma arquitetura de grandes lanços de paredes nuas e “formas serenas e fortes” que “recortam a paisagem” “sem contorções ou contrastes inesperados”, como preconiza José Marianno (MARIANNO FILHO, 1924, p. 2). Adotam nos desenhos de portões, gradis, vidraças, bandeiras e telhados, motivos semelhantes aos registrados por José Wash Rodrigues durante a viagem de estudos feita ao Recife, à época. O governo Sérgio Loreto contribuiu, também, de forma decisiva para a construção do prédio da Faculdade de Medicina do Recife, no Derby. Concebido pelo arquiteto Giácomo Palumbo, esse projeto segue uma vertente distinta do neocolonial, que recorre à composição de volumes e vasto repertório ornamental. Enquanto o neocolonial produzido por Amaury de Medeiros remetia às formulações de José Marianno e buscava referências na arquitetura do passado da cidade, o produzido por Giácomo Palumbo é ancorado em uma atitude projetual típica do ecletismo.



Figura 5. Grupo Escolar Amaury de Medeiros e Pavilhão no Hospital Oswaldo Cruz.
Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, Setor de Iconografia; Revista de Pernambuco (1925).



Figura 6. Faculdade de Medicina do Recife.

Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, Setor de Iconografia.

Outra iniciativa do Governo do Estado solidária com o Movimento Regionalista foi a Exposição Geral de Pernambuco, instalada entre outubro e novembro de 1924, no prédio do Quartel do Comando da Força Pública do Derby – inaugurado na ocasião – e no seu entorno. O evento teve número expressivo de expositores e de público. Exibiu Pernambuco através de história, arte, literatura, obras públicas, produção industrial, artesanal e agrícola. Incluiu bailes, chás, parque de diversões, barracas de prendas, boliche, bares, *buffets*, sorteios, desfile de cavalos, concurso de carros enfeitados, sempre animados por bandas de música. Entre as curiosidades mostradas estavam “dois excepcionais ratos de praia”, um galo com quatro pernas, uma cascavel com duas cabeças e uma melancia de trinta e três quilos.

Afinado ao clima regionalista, o evento foi uma oportunidade para divulgar e celebrar a cultura pernambucana. O Salão de Arte exibiu obras de Telles Júnior, Fedora Monteiro e outros pintores locais. Uma “orquestra típica”, sob a regência do maestro Nelson Ferreira, executou músicas de compositores pernambucanos com temas regionais. Houve apresentações do pastoril de Zé Bahu do Pina, de modinhas por Xicute Lacerda e Graziela Mello e de desafios e cantorias pelos violeiros José Duda, Severino Pinto e João da Catingueira. Vaqueiros usando chapéu de couro, gibão e peitoral circularam no recinto. Uma conferência sobre “poesia sertaneja”, acompanhada por dois violeiros, foi proferida pelo farmacêutico José Sotero de Souza. Promoveu-se jogo de Cabra Cega. Filmes pernambucanos foram exibidos. Fritada de siri e outros pratos locais foram oferecidos nas barracas. Em uma “Hora Literária”, contos e poemas foram apresentados por autores, entre os quais participaram Heloisa Chagas, Góes Filho, Samuel Campello, Maviasel Prado, Olegário Marianno, Austro Costa, Anísio Galvão, Araújo Filho, Joaquim Inojosa e Raul Machado (CORREIA, 2020a, p. 442-445).

A *Revista de Pernambuco*, lançada em julho de 1924, foi outro espaço que se abriu aos temas regionais. Elaborada pelo corpo de redação do *Diário do Estado* e dirigida por Sérgio Loreto Filho, tinha entre seus redatores o poeta e jornalista Góes Filho e entre seus colaboradores Mário Sette, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Joaquim Inojosa, Estevão Pinto, Josué de Castro, Luiz Delgado e Ascenso Ferreira. Além de veículo de propaganda das realizações do governo, a revista publicou artigos sobre história local, divulgou o estilo neocolonial de arquitetura e contribuições literárias de temática regional.

Uma expressão importante do Movimento Regionalista foi a valorização da culinária nordestina, tanto em reuniões privadas – como as já citadas na casa de Odilon Nestor –, quanto em recepções oficiais, como o almoço oferecido por Sérgio Loreto a cerca de cento e cinquenta participantes do *Congresso de Estradas de Rodagem, Instrução e Saúde Pública*, em janeiro de 1926, cujo cardápio incluiu moqueca de cavala, capão ao molho de castanha, peru, salada de frutas locais, doce de caju com requeijão e refresco de frutas (CONGRESSO DE ESTRADAS..., 1926, p. 4). Em setembro de 1926, em Timbaúba, foi oferecido a Sérgio Loreto, Amaury de Medeiros e comitiva um extravagante “almoço campestre de cunho regionalista”, que incluiu, entre outras coisas, “arroz doce, canjica e angu de milho, guisado de carneiro à moda pernambucana (vulgo buchada), mel de engenho com cará, tapiocas, beijus, pitus pescados *in loco*, refresco de frutas locais, bebidas alcoólicas de fabricação quase imediata etc.” (EXCURSÃO..., 1926, p. 1).

A delicadeza no tratamento da cidade histórica é outro aspecto do governo de Sérgio Loreto solidário com a agenda regionalista. Além de restaurar construções do século XIX, como o prédio central do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais, esse governo – exceto pela demolição do quartel da Praça da República para dar lugar ao prédio do Palácio de Justiça – conseguiu realizar grandes obras de urbanismo no Recife – como canais, praças, avenidas, pontes, escolas, hospitais, quartéis, vila operária etc. – sem destruir prédios e espaços urbanos antigos. Amaury de Medeiros – o homem mais influente da gestão no que se refere a temas urbanos – foi capaz de conciliar as condições de sanitarista extremado e de preservacionista. Comandou uma abrangente ação sanitária no Recife sem usá-la como pretexto para investir contra a cidade do passado,

como ocorrera no início do século XX no Rio de Janeiro e em 1909, no Recife. Seu gosto pela arquitetura neocolonial não resvalou na tentativa de aplicá-lo na reforma de construções antigas, como ocorrera na cidade do Rio de Janeiro e ocorreria em São Paulo, e também no Recife pouco tempo depois.

O governo de Estácio Coimbra (1926-1930) manteve o compromisso com a agenda regionalista. Sócios do Centro, como Samuel Hardman e Annibal Fernandes, foram preservados no primeiro escalão da administração, enquanto Gilberto Freyre foi nomeado oficial de gabinete do governador. O governo foi um dos patrocinadores da edição especial de novembro de 1928 do diário carioca *O Jornal*, dedicada a Pernambuco, que divulgou a produção intelectual do grupo regionalista, com contribuições de Odilon Nestor, Amaury de Medeiros, Annibal Fernandes, Octavio de Freitas, Luiz Cedro, Júlio Bello, Samuel Hardman e muitos outros. O governo publicou obras inéditas de Pereira da Costa e de Alfredo de Carvalho e criou o Museu Histórico e de Arte Antiga (depois Museu do Estado de Pernambuco) e a Inspeção Estadual dos Monumentos Nacionais, instituições organizadas e dirigidas por Annibal Fernandes.

Contudo, o governo de Estácio Coimbra deu alguns tropeços surpreendentes no que tange às heranças arquitetônicas do passado. O próprio Gilberto Freyre declarou ter sido dele a sugestão – acatada pelo urbanista Alfred Agache em suas recomendações para o Recife – da escolha para implantação de um Grande Hotel do lugar ocupado pelo prédio do antigo Convento dos Jesuítas. Erguida já no governo Lima Cavalcanti, a construção do hotel substituiu o velho convento por um prédio Art Déco, cuja forma e escala afetaram a bela Praça Dezesete e o que restara do Cais

da Lingueta. Outro deslize foi, a pretexto de instalar a Biblioteca Pública do Estado, realizar uma profunda reforma de viés neocolonial – que desfigurou a fachada e alterou completamente os espaços internos – no prédio da antiga Cadeia Pública, construído por volta de 1730 e onde Frei Caneca esteve preso antes de ser executado.

O Regionalismo: amplitude e alcance

Acerca do Movimento Regionalista, três questões merecem ser reafirmadas: o Movimento deixou profundas marcas na paisagem do Recife; o Movimento não se limitou às atividades do Centro Regionalista do Nordeste; e o Centro foi muito mais que uma expressão da atividade intelectual de Gilberto Freyre.

O Movimento Regionalista foi amplo, diverso e antecedeu a criação do Centro Regionalista do Nordeste, em abril de 1924. A diversidade de perspectivas e de agentes comprometidos com a valorização de expressões da cultura local em Pernambuco durante os anos vinte é atestada por um conjunto de iniciativas que extrapolam em muito a atividade do Centro Regionalista do Nordeste e que, em muitos casos, antecederam sua fundação. Além das atividades do Centro, o regionalismo se expressou em pinturas, poesias, artigos, arquitetura, peças teatrais e em ações governamentais, sobretudo no governo de Sérgio Loreto, através da *Revista de Pernambuco*, da Exposição Geral de Pernambuco, do cardápio de almoços oficiais, da promoção do estilo neocolonial, do restauro de construções do século XIX, da criação de jardins públicos com

vegetação tropical e da ausência de obras públicas que implicassem a destruição de construções antigas (exceto a demolição do quartel da Praça da República).

O Centro Regionalista do Nordeste, entre 1924 e 1926, impulsionou esse Movimento em curso, reunindo um grupo amplo de sócios e colaboradores e promovendo – com amplo apoio do governo estadual e da imprensa recifense – um concurso e dois eventos. Gilberto Freyre reconheceu que o “entusiasmo irresistível” de Amaury de Medeiros foi essencial para impulsionar as iniciativas do Centro (RIALTO, 1928, p. 3), cuja paralisação coincidiu com a saída do médico de Pernambuco em outubro de 1926, e depois não se teve mais notícias do anunciado “Mês da Cidade”, nem do Segundo Congresso – previsto para 1927.

Contudo, anos após o Centro ter sido desmobilizado, Gilberto Freyre se sentiu à vontade para se colocar como seu porta-voz, mentor, ideólogo e principal representante. Um passo importante nesse sentido foi a publicação do *Manifesto Regionalista*, no qual traduziu os objetivos do Movimento. Trata-se de um documento ambíguo, apresentado por Freyre em 1951, em um evento realizado no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, e publicado, pela primeira vez, no ano seguinte. O autor afirma ser o que havia lido no Congresso Regionalista, ao qual teria feito “alguns pequenos acréscimos à reconstituição do manuscrito há anos abandonado” (FREYRE, 1996, p. 91). Contudo, além do tema de sua conferência no Congresso – a culinária nordestina –, o Manifesto inclui vários outros. A avaliação da extensão do acréscimo realizado foi bloqueada por Freyre, ao informar que sua conferência original teria sido publicada apenas parcialmente, em 1926, pelo *Diário de Pernambuco*. Além das alterações no conteúdo e no título da conferência,

importa a operação de alçá-la a Manifesto. Durante o Congresso de 1926, nenhuma conferência foi tratada como Manifesto e se alguma se aproximou dessa condição, foi a realizada na abertura do evento por Moraes Coutinho.

De autor de Manifesto e porta-voz do Movimento, Freyre reivindicou, em seguida, a condição de organizador do evento: consta em sua biografia em *Tempos de aprendiz* que “Em 1926 organizou o primeiro Congresso Regionalista que se realizou nas Américas [...]” (FREYRE, 1979, p. 393). Influenciada pelo prestígio intelectual de Freyre, a historiografia tendeu a acatar sua versão e a acentuar de forma desmedida a importância de seu papel no Centro Regionalista do Nordeste e no Movimento Regionalista.

Essa visão distorcida do papel de Freyre desvaloriza outras contribuições, apaga a diversidade de perspectivas e de abordagens entre os regionalistas, oculta as contradições internas ao grupo e despreza o considerável legado deixado pelo Movimento Regionalista para o Recife. Sem questionar a relevante contribuição teórica de Gilberto Freyre, vale insistir que Amaury de Medeiros, Alfredo de Moraes Coutinho, Odilon Nestor, Antônio Ignacio de Barros Ribeiro, Annibal Fernandes e Samuel Hardman, entre outros, ofereceram ao Movimento grande contribuição intelectual (programa de ação, conceitos, abordagens de temas específicos, formulação de propostas etc.) e logística (divulgação e apoio institucional).

O desprezo por essas contribuições prejudica muito a compreensão da complexidade e das contradições internas de um grupo diversos nos mais diferentes sentidos: faixa etária, formação, posição social, concepções políticas e motivações. A visão distorcida do papel de Freyre emprestou ao Movimento uma unidade maior que aquela possível ao reunir sanitaristas e conservacionistas,

saudosistas e reformistas, funcionários públicos, usineiros, jornalistas e donos de jornais, jovens inquietos e idosos carregados de lembranças. Os consensos no grupo não iam muito além de compartilhar o interesse pelas coisas regionais, o compromisso de valorizá-las e a crença no valor delas para uma inovação nas artes, literatura e arquitetura. Em termos de motivações, por exemplo, é possível sondar as mais diversas, entre as quais oferecer à cultura nacional uma contribuição original e autêntica, afirmar as oligarquias rurais, valorizar a cultura popular e reconhecer a cultura do interior e do sertão, desprezadas no ambiente que se pretendia cosmopolita do Recife.

A diversidade de perspectivas é patente entre os fundadores do Centro: o saudoso poeta sertanejo Odilon Nestor; Gilberto Freyre com sua atenção às casas-grandes, porcelanas, doces e outras tradições das elites da mata; e os dois jovens médicos sanitaristas, Amaury de Medeiros e Morais Coutinho, esse de esquerda e ambos ligados ao ambiente intelectual da classe média letrada recifense e divididos entre a atenção aos vestígios do passado e um projeto de futuro baseado em higiene e educação. No Congresso, Gilberto Freyre se deteve em receitas tradicionais, os dois médicos debateram entre si os rumos da arquitetura, violeiros cantaram, Ascenso Ferreira disse seus versos, comeu-se camarão dos mangues do litoral e queijo do sertão.

A desatenção ao alcance e à amplitude do Movimento Regionalista também desvaloriza seu legado deixado para o Recife, através de prédios neocoloniais, entre os quais os projetados pelo atrevido médico Amaury de Medeiros, a quem a cidade também deve belos jardins públicos sombreados por exuberante vegetação tropical.

Referências

- BARROS, Manuel de Souza. *A Década de 20 em Pernambuco: uma interpretação*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife; Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- BELLO, Júlio. Recife Velho. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 100, n. 242, p. 2, 18 out. 1925.
- CEIA de despedida. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 101, n. 42, p. 2, 20 fev. 1926.
- CENTRO Regionalista do Nordeste. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 100, n. 71, p. 3, 26 mar. 1925.
- CENTRO Regionalista do Nordeste. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 100, p. 1, 30 abr. 1924a.
- CENTRO Regionalista do Nordeste. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 105, p. 1, 7 maio 1924b.
- CONGRESSO de Estradas, Instrução e Saúde Publica. *Diario de Pernambuco*, Recife, a. 101, n. 22, p. 4, 27 jan. 1926.
- CONGRESSO Regionalista. *Rua Nova*. Recife, ano 2, n. 49, p. 26, abr. 1926.
- CORREIA, Telma de Barros. *Amaury de Medeiros e o Recife: arquitetura, cidade e higiene na década de 1920*. São Paulo: Intermeios, 2020a.
- CORREIA, Telma de Barros. Gilberto Freyre e Amaury de Medeiros: tensões entre culto à tradição e messianismo sanitário (Recife, 1923-1926). *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 28, p. 1-60, 2020b.
- ECHOS da “Semana das Arvores”. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 267, p. 4, 15 nov. 1924.
- EXCURSÃO Governamental. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 101, n. 210, p. 1, 12 set. 1926.
- FERNANDES, Annibal. Arte Civica e Religiosa em Pernambuco. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 10, p. 3, Edição Especial Pernambuco. 17 set. 1928.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 7 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. Ed. Fac-similada. Recife: Secretaria da Justiça; Arquivo Público Estadual, 1979.

FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1968.

FREYRE, Gilberto. Nordeste Separatista? *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 101, n. 71, p. 3, 29 mar. 1926a.

FREYRE, Gilberto. O mez da cidade. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 101, n. 252, p. 3, 31 out. 1926b.

FREYRE, Gilberto. Regionalismo Creador. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 100, n. 71, p. 3, 26 mar. 1925.

FREYRE, Gilberto. O Recife e as Árvores. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 265, p. 4-5, 13 nov. 1924.

IGNACIO, Antonio. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 200, p. 3, 29 out. 1924.

ILLUSTRAÇÃO Brasileira, Rio de Janeiro, ano 5, n. 46, jun. 1924.

MARIANNO FILHO, José. Os dez mandamentos do estylo neo-colonial. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 52, p. 2, 6 abr. 1924.

MEDEIROS, Amaury de. O Regionalismo Como Expressão de Nacionalismo (entrevista). *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 2239, 2 abr. 1926, p. 2.

MEDEIROS, Amaury de. Pernambuco e o problema sanitario do nordeste. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 46, jun. 1924.

PRIMEIRO Congresso Regionalista do Nordeste. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 101, n. 33, p. 3, 9 fev. 1926a.

PRIMEIRO Congresso Regionalista do Nordeste. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 101, n. 36, p. 3, 12 fev. 1926b.

PRIMEIRO Congresso Regionalista do Nordeste. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 101, n. 224, p. 4, 27 set. 1926c.

PRIMEIRO Congresso Regionalista do Nordeste. *A Provincia*, Recife, ano 55, n. 33, p. 1, 9 fev. 1926d.

PRIMEIRO Congresso Regionalista do Nordeste. *A Província*, Recife, ano 55, n. 36, p. 2, 12 fev. 1926e.

REVISTA de Pernambuco, Recife, ano 2, n. 21, p. 63, abr. 1926a.

REVISTA de Pernambuco, Recife, ano 3, n. 23, maio 1926b.

REVISTA de Pernambuco, Recife, ano 2, n. 17, nov. 1925.

RIALTO, Jorge. Uma recordação. *A Província*, ano 57, n. 283, p. 3, 6 dez. 1928.

TOLLENARE, Louis-François. *Notas Dominicais*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco; Secretaria de Educação e Cultura, 1978.



Reynaldo Fonseca - Retrato feminino (1957).
Foto: Maria Clara Costa/Centro Cultural Benfica.